

# ENTRE DEMENTADORES E PATRONOS: ECOS DO MITO DE ORFEU EM *HARRY POTTER E O PRISIONEIRO DE AZKABAN*, DE J. K. ROWLING

**NICKOLAS MARQUES DE ANDRADE\***

Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), Programa de Pós-Graduação em Letras, São Paulo, SP, Brasil.

Recebido em: 6 abr. 2025. Aprovado em: 8 abr. 2025.

Como citar este artigo: ANDRADE, N. M. de. Entre dementadores e patronos: ecos do mito de Orfeu em *Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban*, de J. K. Rowling. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 25, n. 2, p. 78-94, maio/ago. 2025. DOI: 10.5935/cadernosletras.v25n2p78-94

## Resumo

O presente artigo investiga a reatualização do mito de Orfeu em *Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban* (2000), terceiro volume da saga de J. K. Rowling. Cria-se a hipótese de que o romance reelabora o arquétipo órfico a partir de elementos como memória, dor e sacrifício, propondo uma nova ética do heroísmo, na qual a salvação nasce da força interior e dos vínculos afetivos. A abordagem metodológica é qualitativa e interpretativa, com base na análise comparativa. Por fim, evidencia-se que, ao conjurar o Patrono, Harry Potter ressignifica a lira órfica, convertendo sua dor em gesto de resistência ao apagamento de si, e a memória em fonte de potência simbólica.

---

\* E-mail: [nickolasm.andrade@gmail.com](mailto:nickolasm.andrade@gmail.com)  
 <https://orcid.org/0000-0001-7857-5814>

## Palavras-chave

Mito de Orfeu. Harry Potter. Reatualização.

## INTRODUÇÃO

Nas sociedades contemporâneas, em que muitos sentidos tradicionais se perderam e as grandes histórias – que antes guiavam a humanidade – parecem ter enfraquecido, a literatura assume um papel essencial: o de reconectar o indivíduo à memória e ao sagrado, já que “sem o conhecimento da Mitologia, boa parte da nossa elegante literatura não pode ser compreendida e apreciada” (Bulfinch, 2014, p. 19).

Os mitos da Antiguidade Clássica nunca desapareceram por completo, tendo sido constantemente retomados ao longo da história literária e artística. Muitos resistiram ao tempo, foram redescobertos no Renascimento e restaurados em suas formas originais, tornando-se fonte de inspiração para diversas expressões culturais (Amadio, 2007).

É nesse contexto que se insere o presente artigo, cujo objetivo é identificar os ecos do mito de Orfeu no romance *Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban* (2000), da autora britânica J. K. Rowling. O estudo parte do reconhecimento de que os mitos clássicos, longe de estarem fossilizados, continuam a reverberar em expressões literárias modernas, promovendo releituras que reatualizam seus significados e os colocam em diálogo com os dilemas do presente. Como observa Bulfinch (2014, p. 27), ao reconhecer essas permanências, os “[...] leitores poderão desfrutar as mais encantadoras ficções que a fantasia já criou e, ao mesmo tempo, ter acesso a informações indispensáveis a todo aquele que gostaria de ler com inteligência a elegante literatura de seu próprio tempo”.

A pergunta que orienta esta investigação é: até que ponto a jornada emocional de Harry Potter, no terceiro livro da série, pode ser entendida como uma nova versão simbólica do mito de Orfeu? Parte-se da hipótese de que a narrativa de Rowling retoma elementos centrais desse mito – como a memória e o sacrifício – e propõe uma mudança importante em seu desfecho: em vez da tragédia inevitável, oferece uma perspectiva de esperança, na qual a salvação nasce da força interior e dos laços afetivos.

Nesse sentido, o objetivo principal deste trabalho é analisar de que forma o romance atualiza o mito de Orfeu no contexto contemporâneo, destacando os elementos simbólicos que aproximam Harry Potter do herói clássico. Para isso, busca-se compreender o papel do mito na modernidade, especialmente em relação à memória e à transcendência, além de investigar como essa reatualização contribui para entender os processos de recriação e permanência dos mitos. Espera-se, dessa forma, identificar o que permanece e o que se transforma entre a versão original e a releitura contemporânea.

Esta pesquisa possui natureza qualitativa e interpretativa, fundamentando-se em Amadio (2007), Barthes (2009), Bulfinch (2014), Eliade (2007), Prado, Cordeiro e Barbosa (2021) e Santos (2011), e utilizando o método de análise comparativa entre o texto mitológico e a obra literária contemporânea.

A relevância deste estudo está na articulação entre a literatura contemporânea e a tradição clássica, mostrando como narrativas atuais podem carregar grande densidade simbólica e estabelecer pontes entre o passado e o presente, entre o mito e o cotidiano, entre a perda e a redenção.

## **DO CLÁSSICO AO MODERNO: O MITO COMO MEMÓRIA E TRANSCENDÊNCIA**

Desde os tempos mais remotos, o ser humano recorre aos mitos para compreender a si mesmo e ao mundo. Concebidos a partir do espanto diante do inexplicável, os mitos fundam uma narrativa originária que atravessa culturas e épocas. Amadio (2007, p. 14) observa que “conhecer os mitos é aprender o segredo da origem das coisas”, pois neles está inscrita uma verdade primordial que confere sentido à existência.

Eliade (2007), por sua vez, salienta que, mesmo nas sociedades modernas, o desejo por algo maior não desapareceu; apenas assumiu outras formas. Ainda hoje, é possível perceber traços do pensamento mitológico em atitudes como a busca incessante por sucesso, o impulso criativo da arte e o fascínio por histórias que transportam os indivíduos para além do tempo cotidiano.

O mito não explica, mas acomoda. Sua função é menos racional do que existencial: ele ajuda o ser humano a habitar o mundo com significado. Por isso, segundo Amadio (2007), a reatualização dos mitos é vital, pois permite reconectar-se com o sagrado, sem que essa aproximação ocorra por mediação

religiosa, mas, sim, pela arte, especialmente pela literatura. A isso acrescenta-se que, desde a Antiguidade Clássica, o poeta é o guardião da memória: aquele que canta os feitos dos deuses e dos heróis, e que, ao fazê-lo, interrompe o tempo presente para evocar o tempo mítico (Eliade, 2007).

Em tempos antigos, o ser humano vivia em um mundo em que o sagrado era onipresente, sobretudo nos mitos, que não eram apenas narrativas e encarnavam uma forma de compreender e de se orientar no mundo. Com o avanço da racionalidade, esse vínculo com o sagrado foi se perdendo, e as antigas certezas existenciais se tornaram frágeis ou foram substituídas por explicações técnicas e científicas.

Não obstante, o mito pode manter um papel poderoso na vida contemporânea. Mesmo quando reescrito, adaptado ou reinterpretado por obras modernas, ele não perde totalmente sua força; ao contrário, recontar um mito pode ser uma forma de resistir ao vazio da modernidade. Essa atividade pode até desconstruir o mito original, conferindo-lhe um novo formato, mas conserva sua essência simbólica, ou seja, a busca por sentido, por origem, por conexão e por transcendência, como afirma Amadio (2007, p. 24):

A reatualização do mito pelo homem moderno faz com que ele se aproprie do seu sentido primeiro, porém reveste-o de uma nova forma que lhe confere outro significado, conforme a intenção de quem o conta. [...] Nas narrativas modernas observa-se sempre uma conversão, uma desconstrução do mito para recriá-lo quanto à necessidade de encontrar novos caminhos.

Em seu *Mito e realidade* (2007), Mircea Eliade reforça essa ideia ao compreender que, no cenário atual em que a religião já não ocupa mais a mesma centralidade de outrora, o romance moderno passou a cumprir a função antes atribuída ao mito: relatar histórias com significado, permitir uma pausa no tempo real e mergulhar o leitor em experiências mais profundas e simbólicas.

Em contrapartida, Thomas Bulfinch apresenta uma visão mais cética sobre o leitor contemporâneo, alertando para os obstáculos que a mentalidade e a condição modernas impõem à fruição do mito:

Não se pode esperar do leitor moderno, tão inserido em questões pragmáticas, que se devote ao estudo das maravilhas falsas e religiões obsoletas. Mesmo o tempo dos jovens é exigido para o estudo de tantas ciências sobre fatos e coisas, que pouco dele poderá ser dedicado a uma ciência que se baseia em simples fantasia (Bulfinch, 2014, p. 20).

Ainda assim, mesmo vivendo em uma sociedade marcada por dúvidas e incertezas, o ser humano continua a desejar um tempo em que tudo fazia mais sentido, um tempo anterior à perda, ao esquecimento e à ruptura com o sagrado.

A memória, nesse contexto, adquire um papel central, pois, como sugere Amadio (2007), lembrar é resistir à morte simbólica, é impedir que a realidade se perca no esquecimento. Quem a preserva mantém viva uma dimensão essencial da existência, reencontrando, em cada lembrança, não o esquecimento, mas uma fonte de sentido e continuidade. Reatualizar o mito, portanto, é um gesto de resistência ao vazio do mundo moderno, é transformar a desordem em sentido, a perda em permanência, a banalidade em significado. Como já mencionado, isso ocorre, sobretudo, por meio da arte, especialmente da linguagem, que dá forma ao invisível e restitui à experiência humana sua profundidade simbólica.

Desse modo, o homem moderno ainda carrega, muitas vezes sem perceber, a alma do mito. É na arte da palavra que ele encontra um reflexo da própria condição, marcada pela fragmentação e pelo desejo profundo de reencontrar um sentido maior. Mesmo em meio aos ruídos do presente, ainda persiste o anseio ancestral de compreender a origem e de restaurar, por meio da linguagem e da memória, o vínculo perdido com o sagrado. Afinal, talvez caiba sempre ao mito o papel de manter acesa a chama que resiste ao esquecimento.

## **DO SAGRADO À FANTASIA: O MITO COMO RECRIAÇÃO E PERMANÊNCIA**

Na Antiguidade, os mitos surgiam como um modo de interpretar a existência, associando o ser humano ao divino e conectando a vida cotidiana a dimensões sagradas. Com o avanço da modernidade e o conseqüente enfraquecimento das narrativas religiosas tradicionais, eles não desapareceram, apenas se transformaram. Atualmente, embora distantes dos templos e dos rituais, os mitos continuam a circular por meio de novas formas de expressão.

Nesse processo de recriação, preservam sua força arquetípica ao atualizarem sentidos herdados em diferentes contextos culturais. As manifestações contemporâneas tornam-se, assim, espaços de permanência mítica, nos quais o sagrado é reinterpretado segundo as sensibilidades do presente. Longe de serem relatos fixos ou cristalizados em um passado remoto, os mitos continuam

relevantes justamente por sua capacidade de transformação constante, sendo, ao mesmo tempo, antigos e modernos, universais e singulares, conforme cada geração os ressignifica.

Tal vitalidade na cultura moderna também depende de como o mito é apresentado e percebido pelos leitores atuais. Nesse quesito, Bulfinch (2014) mostra-se paradigmático, ao demonstrar que o estudo dos mitos não precisa ser técnico ou cansativo: pode e deve ser uma atividade prazerosa, envolvente e acessível, sem abrir mão da fidelidade às fontes clássicas. Preparar o leitor para reconhecer e compreender as inúmeras referências mitológicas presentes nas manifestações artísticas permite que os mitos sejam (re)lidos como narrativas envolventes e, ao mesmo tempo, funcionem como um meio eficaz de ampliar, quase imperceptivelmente, o conhecimento sobre a cultura clássica.

Esse caráter permanente dos mitos, mesmo em meios de expressão contemporâneos, é reforçado por Prado, Cordeiro e Barbosa (2021), os quais compreendem o mito como uma forma de linguagem que, embora tenha surgido em um tempo quando religião, arte e vida cotidiana se entrelaçavam inseparavelmente, resistiu à modernidade e passou a se manifestar por meio do cinema, da literatura, das artes visuais e das produções midiáticas. Como os autores destacam:

[...] o mito não morre, apenas se camufla e muda de acordo com o período histórico no qual está inserido. Em outras palavras, a História permite fazer com que o mito também se reatualize, sem perder, contudo, seu discurso primeiro, o que realmente o define como elemento de longa permanência histórica (Prado; Cordeiro; Barbosa, 2021, p. 274).

Ao considerar isso, o conteúdo simbólico do mito não desaparece; ao contrário, ressignifica-se ao longo do tempo, de modo a assumir formas e discursos compatíveis com as expectativas de cada época. É justamente essa qualidade que garante sua relevância: o mito permanece vivo porque é continuamente recriado, e isso deve-se ao fato de que ainda desperta questionamentos existenciais. Nesse tocante, Barthes observa que é a História que orienta sua permanência, determinando quais elementos se mantêm e quais são reformulados:

Não existe, evidentemente, uma manifestação simultânea de todos os mitos: certos objetos permanecem cativos da linguagem mítica durante um certo

tempo, depois desaparecem, outros substituem-no, sendo elevado ao mito. [...] [Assim] pode se conceber que haja mitos antiquíssimos, mas não eternos; pois é a História que transforma o real em discurso; é ela e só ela que comanda a vida e a morte da linguagem mítica. Longínqua ou não, a mitologia só pode ter um fundamento histórico, visto que o mito é uma fala escolhida pela História: não poderia de modo algum surgir da 'natureza' das coisas (Barthes, 2009, p. 200).

Com base nessa perspectiva histórica do mito, reatualizá-lo é mais do que citá-lo ou adaptá-lo. Trata-se de repetir, mesmo que de modo indireto, os relatos e os símbolos que ajudaram a desenvolver a visão de mundo das sociedades humanas. Em razão disso, o escritor contemporâneo, ao revisitar os temas mitológicos, assume uma função parecida com a do sacerdote na cultura clássica: ele reencena, por meio da palavra, imagens e arquétipos que ainda ecoam no imaginário coletivo. A ficção, assim, pode exercer um papel semelhante ao do rito, ao oferecer ao sujeito moderno – muitas vezes distanciado do sagrado – uma maneira mais simbólica de reconexão com suas origens culturais e existenciais.

Compreende-se, portanto, que os mitos não desaparecem, mas se transformam, ajudando a interpretar a realidade e transmitindo antigos conhecimentos por meio de formas de expressão mais atuais. É por isso que Prado, Cordeiro e Barbosa (2021) ressaltam que estudar os mitos não é apenas olhar para trás, mas também compreender o presente. Nas narrativas contadas na contemporaneidade, ecoam vozes dos deuses e dos heróis mitológicos, ainda que adaptadas às linguagens e aos temas da atualidade.

Embora assumam novas formas, os mitos permanecem, e o sagrado reaparece sob diferentes configurações simbólicas, recriado pela imaginação humana como memória que resiste ao tempo.

## DA MORTE À MEMÓRIA: O MITO DE ORFEU ATRAVÉS DO TEMPO

A figura clássica de Orfeu, um dos mais emblemáticos personagens da mitologia grega, revela com força singular a tensão entre a morte e a permanência. Seu canto, intensificado pelo luto e pela perda, atravessa o tempo como metáfora da criação que desafia o esquecimento e da memória que preserva, pela arte, a experiência do sagrado. Entre a tragédia amorosa e a sobrevivência simbólica, o mito de Orfeu ressoa na literatura e no pensamento ocidental

como imagem arquetípica da dor que busca expressão duradoura na linguagem poética.

Amadio (2007) descreve Orfeu não apenas como músico e poeta, mas como um verdadeiro iniciador da humanidade na sensibilidade e no conhecimento. Bulfinch (2014, p. 287) acrescenta:

Orfeu era filho de Apolo e da musa Calíope. Ganhou uma lira de presente do pai e aprendeu a tocá-la com tal perfeição que ninguém podia resistir ao encanto de sua música. [...] Até mesmo as árvores e as rochas eram sensibilizadas pela música de Orfeu. As primeiras reuniam-se em torno dele e as rochas eram de algum modo amaciadas pelas notas.

Ao cantar, Orfeu cria um espaço de transcendência, em que o ser humano se aproxima do divino. Seu canto, que ultrapassa a experiência individual, torna-se uma forma de arte revelar o sagrado por meio da própria voz do homem, como se essa voz fosse, ao mesmo tempo, a de Orfeu e a de Zeus (Amadio, 2007).

Antes de empreender sua jornada ao mundo dos mortos, Orfeu vive uma breve e trágica união com Eurídice. Durante a fuga de uma tentativa de assédio por Aristeu, ela pisa em uma serpente, é picada e morre (Bulfinch, 2014). Movido pelo amor à esposa, Orfeu desafia os limites entre vida e morte. A força de sua dor, expressa por meio da música, comove os deuses infernais Plutão e Prosérpina, que lhe concedem a chance de resgatar Eurídice, sob a condição de não olhar para ela até saírem das trevas. Sua falha em cumprir esse preceito resulta na perda definitiva da amada.

Esse episódio de descida e de retorno incompleto, conhecido como catábase, torna-se um paradigma da memória, da dor e do desejo impossível de recomposição. Segundo Amadio (2007, p. 44), “A memória ou ‘o olhar para trás’ significa voltar ao passado, retornar no tempo aquilo que Orfeu havia esquecido”, refletindo a tensão entre a lembrança e a renúncia, entre o tempo mítico e o tempo humano.

Explorando a dimensão simbólica do mito de Orfeu, Santos (2011) observa que, apesar de seu dom sublime, o herói não escapa ao destino. Ele encarna o símbolo da sobrevivência após a morte: mesmo despedaçado pelas donzelas da Trácia, sua voz permanece viva. A cabeça e a lira de Orfeu, lançadas ao rio Hebro, “[...] flutuaram, cantarolando uma triste canção, à qual as margens responderam com uma lúgubre sinfonia” (Bulfinch, 2014, p. 289), e continuaram

a entoar o nome de Eurídice. Esse canto errante representa a resistência à dissolução e a persistência do espírito no mundo sensível (Santos, 2011).

Revela-se, assim, a atemporalidade do mito de Orfeu; reatualizado por diferentes criadores e em múltiplas formas ao longo dos séculos, ele simboliza aquele que ousa descer aos infernos por amor e retorna marcado pela impossibilidade de completude. Sua tragédia, como sugere Amadio (2007), transcende o mito para se tornar uma meditação sobre o próprio destino humano: buscar na arte um modo de lembrar, curar e, talvez, restaurar o que o tempo ou a morte levaram. Orfeu, mesmo morto, ainda canta, e é esse canto que a humanidade segue ouvindo, amando e recordando.

## **DO MEDO À LEMBRANÇA: HARRY POTTER E O PRISIONEIRO DE AZKABAN (2000)**

Em *Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban* (2000), o medo e a lembrança não são apenas recursos narrativos: atuam como forças essenciais no processo de crescimento emocional vivido por Harry. O primeiro se materializa nos dementadores e nos silêncios herdados; a segunda mostra-se uma via de reconexão com o passado, com a identidade e com os vínculos sentimentais. É nesse entrelaçamento que se articula um dos livros mais complexos da saga, aquele em que a magia cede lugar à introspecção, e a aventura, à memória que transforma.

Terceiro volume da aclamada série escrita por J. K. Rowling, a obra sinaliza um amadurecimento claro tanto na trajetória do protagonista quanto na realidade que o cerca. Publicado no Reino Unido em julho de 1999, pela editora Bloomsbury, e no Brasil em dezembro de 2000, pela editora Rocco, o livro aprofunda dilemas afetivos e éticos, ao mesmo tempo que expande os horizontes da construção ficcional para além dos muros do castelo de Hogwarts com a introdução de novos personagens, cenários e ameaças.

Ao completar 13 anos, Harry inicia seu terceiro ano na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts. Dessa vez, porém, a ameaça que se aproxima não é apenas Voldemort, mas também Sirius Black, um perigoso foragido da prisão de Azkaban, considerado um dos seguidores mais fiéis do Lorde das Trevas. A notícia de sua fuga abala o mundo bruxo, e tudo leva a crer que ele tem Harry como alvo. A tensão aumenta com a presença dos dementadores – criaturas

sombrias encarregadas da vigilância de Azkaban – que, à procura do foragido em Hogwarts, provocam no jovem uma reação profunda, trazendo à tona lembranças dolorosas e traumas latentes.

A obra se destaca por uma reviravolta surpreendente em seu enredo. O que, a princípio, parecia ser uma trama centrada em um perigoso fugitivo transforma-se em uma reflexão sobre a verdade, o perdão e a lealdade. Sirius Black, inicialmente visto como traidor e assassino, é revelado como padrinho de Harry Potter e um dos poucos que conheciam os reais acontecimentos envolvendo a queda de Tiago e Lílian Potter.

Aqui, Rowling (2000) desfaz as certezas do personagem principal e do leitor, conduzindo ambos a reconhecerem a complexidade das relações humanas no universo mágico. É o que se pode ver na figura de Remo Lupin, o novo e carismático professor de Defesa Contra as Artes das Trevas, que também é um feroz lobisomem; e na de Pedro Pettigrew, descrito como assustado e temeroso, que usa sua habilidade de animago – bruxo capaz de assumir a forma de um animal – para se esconder como rato de estimação da família Weasley e acobertar o crime que cometeu aos Potter. Pettigrew, assim como Black e Lupin, era um dos amigos íntimos dos pais de Harry quando vivos, conferindo ainda mais complexidade e tensão à trama.

Um aspecto notável é o fortalecimento do trio protagonista. Hermione Granger ganha evidência ao expor um segredo que lhe permite frequentar várias aulas simultaneamente – representando sua dedicação incansável aos estudos; ao lado de Harry, ela empreende uma viagem no tempo que altera definitivamente o desfecho da história. Já Rony Weasley assume relevância na carga emocional da narrativa, especialmente por meio da perda e do reaparecimento de Perebas, rato de estimação de sua família, que possui um papel importante no enredo.

Mais do que uma simples aventura mágica, *O prisioneiro de Azkaban* é um livro sobre como o medo e os ecos do passado influenciam o crescimento de Harry Potter. O medo manifesta-se tanto na presença dos dementadores quanto na ausência de diálogo, no desconhecimento e nos julgamentos precipitados que ameaçam destruir reputações e vínculos afetivos. O passado, por sua vez, retorna com força, levando Harry a confrontar a história de seus pais, suas origens e, mais do que nunca, o sentido profundo de quem ele realmente é.

Ao final da obra, Rowling (2000) arremata uma narrativa emocionalmente densa, que transmite reflexões sobre a justiça, a amizade e o desafio do

perdão. Embora voltado ao público jovem, o livro aborda temas universais com sensibilidade e maturidade, consolidando o sucesso da série e preparando o terreno para as adversidades ainda maiores que aguardam Harry Potter nos volumes seguintes.

## DE ORFEU AO PRISIONEIRO DE AZKABAN: REATUALIZAÇÃO DA MEMÓRIA COMO RESISTÊNCIA

O mito de Orfeu transcende a narrativa romântica e trágica para se afirmar como um ritual de passagem, em que a música desafia os limites da existência (Amadio, 2007). Ao descer ao Hades com sua lira, movido pelo desejo de trazer Eurídice de volta, o herói carrega consigo não apenas a ausência da amada, mas também o poder criativo da arte. Seu canto suspende as leis naturais e tenta reverter a separação entre os domínios dos vivos e dos mortos. No entanto, ao transgredir a condição imposta pelos deuses do submundo, ele sela o afastamento irreversível de Eurídice. Torna-se, assim, a imagem do herói que falha, mas cuja dor expõe a vulnerabilidade humana diante do tempo, da finitude e da impossibilidade de retorno.

O mito de Orfeu dialoga com uma concepção fundamental da Antiguidade grega: “[...] os mortos são aqueles que perderam a memória [...]” (Amadio, 2007, p. 44). Nesse contexto, a morte não é apenas ausência física, mas ruptura com a história, com a identidade e com os vínculos afetivos. É a partir dessa simbologia que se estabelece um elo com *Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban* (2000), sobretudo na travessia interior de Harry, que pode ser interpretada como uma reinvenção do mito órfico.

Na obra, a figura dos dementadores é central. Tais criaturas não matam fisicamente, mas esvaziam o sujeito, deixando um rastro de desespero e de apagamento da identidade:

Os dementadores estão entre as criaturas mais malignas que vagam pela Terra. Infestam os lugares mais escuros e imundos, se comprazem com a decomposição e o desespero, esgotam a paz, a esperança e a felicidade do ar à sua volta. [...] Chegue muito perto de um dementador e todo bom sentimento, toda lembrança feliz serão sugados de você. Se puder, o dementador se alimentará de você o tempo suficiente para transformá-lo em um semelhante... Desalmado e mau. Não deixará nada em você exceto as piores experiências de sua vida (Rowling, 2000, p. 155).

Harry acaba por se tornar um alvo indireto dos dementadores e, para enfrentá-los, recorre ao professor Lupin, que lhe ensina o Feitiço do Patrono:

[...] — O feitiço que vou tentar lhe ensinar faz parte da magia muito avançada, Harry, muito acima do Nível Normal de Bruxaria. É chamado o Feitiço do Patrono. — O que é que ele faz? — perguntou Harry nervoso.

— Bem, quando funciona corretamente, ele conjura um Patrono, que é uma espécie de antidementador, um guardião que age como um escudo entre você e o dementador. [...] — O Patrono é um tipo de energia positiva, uma projeção da própria coisa de que o dementador se alimenta: esperança, felicidade, desejo de sobrevivência, mas ele não consegue sentir desesperança, como um ser humano real, por isso o dementador não pode afetá-lo. Mas preciso preveni-lo, Harry, de que o feitiço talvez seja demasiado avançado para você. Muitos bruxos habilitados têm dificuldade de executá-lo.

[...]

— E como se conjura?

— Com uma fórmula mágica, que só fará efeito se você estiver concentrado, com todas as suas forças, em uma única lembrança muito feliz. [...] — A fórmula é a seguinte – Lupin pigarreou para limpar a garganta. — *Expecto Patronum!* (Rowling, 2000, p. 194).

O treinamento de Harry não depende apenas de técnica, mas da capacidade de acessar sua lembrança mais luminosa. Assim como Orfeu converte a dor em canto, o protagonista transforma memória em defesa: sua força brota daquilo que o liga à vida – afeto, alegria, desejo de continuar. A magia do Feitiço do Patrono, nesse contexto, atua como resistência simbólica ao vazio existencial. O professor Lupin, enquanto mentor, cumpre o papel de uma figura inspiradora, como as Musas da tradição grega – as quais, segundo Amadio (2007, p. 34), cantavam “[...] para a manutenção da vida, para a vivificante comunhão com o Divino, para a transmissão do saber e para que se possa ter visão da totalidade do ser”. Ao ensinar Harry a conjurar seu Patrono, Lupin o conecta a esse saber ancestral, levando-o a despertar a luz que resiste às trevas.

Contudo, a revelação de sua condição de lobisomem transforma Lupin, até então figura de orientação e conhecimento, em ameaça diante dos olhos da sociedade mágica, representando uma distorção trágica da inspiração. A descrição de sua metamorfose reforça essa ruptura simbólica: “A cabeça de Lupin começou a se alongar. O seu corpo também. Os ombros se encurvaram. Pelos brotavam visivelmente de seu rosto e suas mãos, que se fechavam transformando-se em patas com garras” (Rowling, 2000, p. 307).

Ainda assim, coube a Harry preservar a luz recebida do mestre, mesmo quando este se viu dominado por uma forma que parecia capaz de extingui-la. Como Orfeu, que seguiu cantando mesmo após perder Eurídice, Harry mantém viva a centelha que lhe foi transmitida: a esperança que resiste mesmo quando tudo ao redor parece ruir.

Apesar de forçado a deixar o cargo, a influência de Lupin permanece viva no protagonista, simbolizada especialmente pelo Feitiço do Patrono, uma herança mágica e afetiva que simboliza resistência, memória e proteção:

— [...] Se eu tenho orgulho de alguma coisa que fiz este ano, foi o muito que você aprendeu comigo... Me conte sobre o seu Patrono.

— Como é que o senhor soube? — perguntou Harry espantado.

— Que mais poderia ter afugentado os dementadores?

Harry contou a Lupin o que acontecera. Quando terminou, o professor voltara a sorrir.

— É, seu pai se transformava sempre em cervo. Você acertou... É por isso que o chamávamos de Pontas (Rowling, 2000, p. 340).

O momento que Harry descreve é quando Sirius Black, inocente, estava prestes a ter sua alma sugada por centenas de dementadores, os mesmos que também sugavam a de Harry:

Black estremeceu, rolou de barriga para cima e ficou imóvel no chão, pálido como a morte.

[...] Os dementadores estavam mais próximos, agora a menos de três metros deles. [...]

— EXPECTO PATRONUM! — berrou Harry, tentando abafar a gritaria em seus ouvidos. — EXPECTO PATRONUM!

Um fiapinho prateado saiu de sua varinha e pairou como uma névoa diante dele. [...]

À luz fraca do seu Patrono disforme, ele viu um dementador parar, muito perto dele. Não conseguiu atravessar a nuvem de névoa prateada que Harry conjurara. A mão morta e viscosa deslizou para fora da capa. Ela fez um gesto como se quisesse varrer o Patrono para o lado.

[...]

Onde devia haver olhos, havia apenas uma pele sarnenta e cinza, esticada por cima das órbitas vazias. Mas havia uma boca... Um buraco escancarado e disforme, que sugava o ar com o ruído de uma matraca que anuncia a morte.

[...]

E então, através do nevoeiro que o afogava, ele achou que estava vendo uma luz prateada que se tornava cada vez mais forte... Ele sentiu que estava emborcando na grama...

O rosto no chão, demasiado fraco para se mexer, nauseado e trêmulo, Harry abriu os olhos. O dementador devia tê-lo soltado. A luz ofuscante iluminava o gramado a seu redor... Os gritos tinham cessado, o frio estava diminuindo...

Alguma coisa estava obrigando os dementadores a recuar... [...] Os dementadores estavam se afastando... O ar reaquecia...

Com cada grama de força que ele conseguiu reunir, Harry ergueu a cabeça uns poucos centímetros e viu um animal envolto em luz, distanciando-se a galope através do lago. Os olhos embaçados de suor, Harry tentou distinguir o que era... Era fulgurante como um unicórnio. Lutando para se manter consciente, viu-o diminuir o galope ao chegar à margem oposta do lago. Por um momento, Harry viu, à sua claridade, alguém que lhe dava as boas-vindas... [...] alguém que lhe pareceu estranhamente familiar... (Rowling, 2000, p. 309-310).

Ao despertar, Harry presumiu ter visto um homem conjurar o Patrono e pensou ter sido seu pai. Esse momento ecoa a ilusão órfica: assim como Orfeu acreditava poder resgatar Eurídice dos infernos com sua música, Harry projetava no pai falecido a esperança de salvação. Contudo, a revelação ocorreu: após usar um artefato mágico chamado “vira-tempo”, que lhe permitiu voltar a momentos anteriores daquele dia, ele presenciou novamente o ataque e compreendeu, com espanto, que não era seu pai, mas ele mesmo quem conjurara o feitiço:

[...] Harry ergueu a cabeça para olhar o círculo de dementadores do outro lado do lago. Um deles estava despindo o capuz. Estava na hora do salvador aparecer, mas ninguém ia aparecer para ajudar desta vez...

E então a explicação lhe ocorreu, ele compreendeu. Não vira o pai, vira a si mesmo...

Harry se precipitou para fora da moita e puxou a varinha.

— EXPECTO PATRONUM! — berrou.

E da ponta de sua varinha irrompeu, não uma nuvem disforme, mas um animal prateado, deslumbrante, ofuscante. Ele apertou os olhos tentando ver o que era.

[...] Ele viu o animal abaixar a cabeça e investir contra o enxame de dementadores... Agora, a galope, ele cercava os vultos escuros no chão, e os dementadores recuavam, se dispersavam, batiam em retirada na noite... Desapareciam. O Patrono deu meia-volta. Veio em direção a Harry atravessando a superfície parada das águas. Não era um cavalo. Não era um unicórnio, tampouco. Era um cervo. Reluzia intensamente ao luar... estava retornando a ele...

[...] Lentamente, ele curvou a cabeça cheia de galhos. E Harry percebeu...

— *Pontas* — sussurrou.

Mas quando os dedos trêmulos de Harry se estenderam para o bicho, ele desapareceu (Rowling, 2000, p. 330).

Sirius, no centro do círculo dos dementadores, estava a instantes de ter sua alma retirada, mas Harry interveio como um herói órfico reformulado, resgatando-o não com força física, mas com a memória, a esperança e a luz interior. Aqui, há a subversão do desfecho trágico do mito de Orfeu: o protagonista não hesitou, não olhou para trás. Ele acreditou em si, conjurou o feitiço e repeliu os dementadores.

Essa tomada de consciência marca a virada da narrativa. Enquanto Orfeu fracassou diante da dúvida, Harry amadureceu e salvou Sirius. O Patrono revelou-se mais que um feitiço, tornou-se a expressão da força nascida da lembrança afetiva. Seu gesto funciona como um rito de passagem, da fragilidade à confiança, da perda à ação.

A imagem do cervo reforça a ideia de que Harry internalizou a força que buscava fora de si. Ele não esperou ser salvo: ele salvou. Orfeu duvidou e perdeu; Harry acreditou e venceu. Em vez da tragédia irreversível, tem-se a memória como combustível vital.

Assim, em *Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban*, o Patrono é sua lira: uma projeção emocional que repeliu a escuridão. A narrativa propõe uma nova ética do heroísmo, não aquela que desafia os deuses, mas aquela que afirma, no íntimo, a potência da vida e dos vínculos afetivos. Ao conjurar seu Patrono, Harry conjura também sua autonomia, uma força que não nega o passado, mas o transforma em potência de vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar *Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban* à luz do mito de Orfeu, confirmou-se a hipótese de que houve uma reatualização simbólica do arquétipo órfico, subvertendo seu desfecho trágico em favor de uma ética da esperança. Harry Potter, como Orfeu, desceu simbolicamente aos infernos da dor e do esquecimento, enfrentando criaturas que dissolviam a memória e a subjetividade. No entanto, ao contrário do herói mitológico, ele não sucumbiu à

dúvida: conjurou sua luz interior e salvou não apenas a si mesmo, mas também aqueles que amava.

O estudo alcançou seus objetivos ao demonstrar que a memória, na obra de J. K. Rowling (2000), é uma força vital que sustenta a identidade e possibilita a resistência. A música de Orfeu, traduzida em magia e afetos, constituiu a lira moderna que repeliu a morte simbólica representada pelos dementadores. Por meio dessa releitura órfica, foi possível constatar um modelo de heroísmo emocional e ético, no qual o passado foi ressignificado e o amor se impôs ao esquecimento.

Mais do que simples coincidências temáticas, os ecos do mito de Orfeu em *Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban* revelam como as narrativas contemporâneas podem ressoar símbolos antigos, mesmo sem intenção explícita. Aproximando as duas histórias, percebe-se que a memória assume papel central, não apenas como lembrança, mas como força de continuidade e de resistência. Em tempos de esquecimento e de incerteza, essas ressonâncias míticas lembram que, talvez, a verdadeira magia esteja justamente em recordar e em não desistir, porque, enquanto houver histórias, haverá também caminhos de volta à luz.

## Between dementors and patronus: echoes of Orpheus' myth in *Harry Potter and the Prisoner of Azkaban* by J. K. Rowling

### Abstract

This article investigates the reactivation of the myth of Orpheus in *Harry Potter and the Prisoner of Azkaban* (2000), the third volume of the saga by British author J. K. Rowling. It is hypothesized that the novel reworks the Orphic archetype through elements such as memory, pain, and sacrifice, proposing a new ethic of heroism in which salvation arises from inner strength and emotional bonds. The methodological approach is qualitative and interpretative, based on comparative analysis. Finally, it is argued that, by casting the Patronus charm, Harry Potter resignifies the Orphic lyre, transforming his pain into an act of resistance against self-erasure and memory into a source of symbolic power.

### Keywords

Myth of Orpheus. Harry Potter. Reinterpretation.

## REFERÊNCIAS

- AMADIO, M. H. R. *A reatualização do mito grego de Orfeu por Camus*. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2007.
- BARTHES, R. *Mitologias*. Tradução Rita Buongiorno, Pedro de Souza e Rejane Janowitz. 4. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2009.
- BULFINCH, T. *O livro da mitologia: a idade da fábula*. Tradução Luciano Alves Meira. São Paulo: Martin Claret, 2014.
- ELIADE, M. *Mito e realidade*. Tradução Pola Civelli. 6. ed. 2. reimpr. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- PRADO, J. B. T.; CORDEIRO, I. S.; BARBOSA, L. M. de S. A reatualização do mito de Medeia em Eurípides, Ovídio e Sêneca. *Revista Intertextos*, Marília, v. 14, n. especial, p. 268-288, 2021. Disponível em: <https://portalbiblioteca.ufra.edu.br/images/Ebook/letrasportugues/mitoerealidadelivro.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2025.
- ROWLING, J. K. *Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban*. Tradução Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- SANTOS, E. C. P. dos. O IV canto no contexto das Geórgicas: a cidade das abelhas e o mito de Orfeu. In: PEÇANHA, S. F. G. de A.; SANTOS, T. M. (orgs.). *Calíope: presença clássica*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011. v. 22, p. 27-44.